

Letrário\**editora*

**O Atraso**

**Fernando Dinis**

Junho 2008



A sua rotina é tentar não ter rotina. Mas usa uma grande agenda onde escreve com rigor as horas dos encontros que vai combinando por telemóvel, que deixa sempre ligado. Levanta-se tarde, quando todos já estão nos seus empregos. Depois de um duche rápido, come um iogurte natural e uma peça de fruta. Pega no seu saco desportivo e vai ao ginásio fora do seu bairro, por não querer encontrar pessoas conhecidas. Pratica durante quarenta minutos, rodando de máquina em máquina, sem descansar. Quando termina, toma um novo duche no balneário e regressa a casa. Certos dias, passa por um hipermercado também afastado do seu bairro, por não querer ser reconhecida, e faz todas as compras necessárias. Almoça em casa, pratos recheados de vegetais e pouca carne grelhada.

Entretanto, o seu telemóvel começa a tocar. O álcool ingerido ao almoço proporciona mais coragem aos homens que lhe ligam. Combina encontros a partir das 15 horas. É importante que estes encontros não ultrapassem a hora de expediente. Anota o nome e a hora na agenda. Novo telefonema. Desta vez, adia para o dia seguinte, o homem protesta, depois acede. Volta a marcar na agenda.

Confirma a marcação que tem para esse mesmo dia. É um repetente, o que requer maior atenção da sua parte. Consulta um livro de anotações que guarda dentro da gaveta de uma das mesas-de-cabeceira. Abre o livro no nome indicado, e confirma que roupa usou da última vez que esteve com esse mesmo cliente. A ideia é nunca se repetir, alimentar o factor surpresa, elevar a expectativa. Só assim garante a fidelidade de alguns clientes. Nunca se apaixona. Esquece o nome deles breves minutos após o serviço. Mete para lavar, e de imediato, a roupa que usa com eles. Quando termina, toma o último duche do dia.

Passavam trinta minutos da hora combinada, e o homem sem aparecer. Ela caminhava entre o sofá e a janela, esperando-o. Olhava para a rua tentando adivinhá-lo no meio das gentes que circulavam, sem sucesso. Sentou-se por fim no sofá, confortável, de pele, mas nem por isso sossegava.

O homem estava atrasado, algo que nunca acontecera, e não havia dito nada. Nem um telefonema, nem uma mensagem. Dirigiu-se ao quarto já há muito preparado para o encontro. As persianas descidas, luz baixa de ambiente, música *chill out*, a cama aberta, perfumada, alguns utensílios sobre a mesa-de-cabeceira.

Sentou-se num grande cadeirão em frente ao espelho que se estendia por toda a parede e abrindo novamente o caderno de apontamentos, certificou-se do que constava sob o nome dele. Era a sexta vez, e sempre fora pontual, honesto no pagamento, afável na despedida, formal na convocação. Mas o certo é que já estava trinta e cinco minutos atrasado.

Volta a olhar para a sua informação. Das vezes que ele lhe ligara, tinha registado os respectivos números. Dois. Um número fixo, certamente do seu emprego, e um telemóvel. Geralmente, todas as chamadas que recebe são com número oculto, o que considerava ser natural. Muitos homens ligam-lhe só para ouvir a sua voz, a sua respiração, e depois desligam. Mas este homem que está atrasado não. Nunca ocultou de onde ligava, e isso tinha-a intrigado, tanto, que resolvera apontar os números.

O que terá passado na sua cabeça para cometer tamanho deslize? O que diferenciava este homem de todos os outros que a levasse a cometer a maior transgressão possível na sua actividade? Não saberia decerto

responder. Digitou o número fixo. Dez sinais de chamada sem resposta. Desligou. Olhou o telemóvel. Alheia à total imprudência digitou o número e ficou a olhar o seu reflexo no espelho enquanto a chamada se estabelecia.

Do outro lado respondeu uma mulher. A mulher do homem.

– Sim?

Olhando-se ao espelho, petrificada pelo som da voz feminina, a mulher da vida deu por si a falar com a mulher do homem.

– Penso que me tenha enganado no número, desculpe.

Antes de conseguir desligar, a mulher do homem retomou.

– É claro que não se enganou. E eu sei quem você é.

A mulher da vida manteve-se gelada, olhando-se no espelho.

– E sabe como sei quem você é?

– Como?

– Porque o meu marido falou-me de si.

De novo um grande silêncio a separar as duas vozes.

– Não acha estranho que o meu próprio marido tenha falado sobre si? A mim? – retomou a mulher do homem.

– Talvez...

– Talvez? É apenas isso que tem para me responder? Imagino que o seu forte não seja o de conversar, mas faça um esforço desta vez, tente colaborar comigo.

A mulher da vida deixou cair a cabeça para a frente. Os longos cabelos cobriram o seu rosto. Já não queria ver-se no espelho.

– Colaborar? Consigo? Não entendo como, nem para quê.

– É claro que entende. Fazemos o seguinte: imagine que somos boas amigas e que isto é apenas um telefonema entre *verdadeiras* boas amigas...

– Vou desligar – anunciou a mulher da vida.

– Ele ainda não chegou, pois não?

Novo silêncio.

– Não, está atrasado.

– Quanto tempo?

A mulher da vida encheu o peito de ar e respondeu ao libertar o mesmo ar.

– Precisamente quarenta e dois minutos.

– Ele nunca se atrasa. Não acha estranho desta vez ele atrasar-se?

– Sim, acho... Talvez por isso tenha caído na tentação de ligar.

– E fez bem em ter ligado. Há muito tempo que tinha curiosidade em ouvir a sua voz. Teve mais coragem do que eu.

– Como assim?

– Porque eu nunca fui capaz de lhe ligar, para ouvi-la falar, conhecer a sua voz, perceber de que forma fala.

– Não vejo no que isso a possa interessar.

– O que sente?

– O que sinto? Agora?

– Quando está com ele, com o meu marido?

– Não sinto nada.

– Alguma coisa deve sentir. Por favor, quero que entenda que esta conversa é mesmo muito importante para mim. Diga-me o que sente quando está com ele.

– O mesmo que sinto quando estou com outros homens. Nada. Absolutamente nada. É como se fosse uma outra pessoa fora do meu corpo, e é apenas nessa pessoa que os homens tocam. Cá dentro, em mim, ninguém toca. É isso. Não sinto mesmo nada.

– Costuma beijá-lo?

A mulher da vida pensou durante alguns instantes.

– Às vezes.

– Sempre pensei que vocês nunca beijavam os clientes.

– Eu não estou a dizer que beijo todos os clientes.

– Mas beija o meu marido.

– Sim... já beijei o seu marido... ouça, não estou a ver onde esta conversa nos possa levar. Lamento muito ter ligado...

A mulher do homem voltou a cortar.

– É claro que lamenta. Imagino mesmo que sim. É como lhe digo, aprecio a sua coragem, e a sua boa vontade em ainda estar a falar comigo. Porque estará ele atrasado? Continua ele sem aparecer?

– Sim.

– Avisa-me se ele entretanto chegar?

– Não sei.

– Não quer mesmo saber por que razão o meu marido falou de si?

– Não, não quero.

A mulher do homem prosseguiu.

– Se calhar achará a resposta muito banal. Mas é a verdade e aqui vai ela: o meu marido falou-me de si porque, simplesmente, afirma ter-se apaixonado por si. Não acha caricato? Certamente não acha. Será o que mais vezes lhe deve acontecer. Mas eu ouvi serenamente tudo o que ele tinha para me contar acerca de si. E sabe o que aconteceu? Aquilo que eu senti ao vê-lo descrever a si, com um brilho nos olhos que eu nunca lhe tinha visto? Não quer saber? Mas eu vou-lhe dizer: senti-me aliviada. Muito aliviada.

– Aliviada?

– Aliviada porque senti que o tinha perdido de vez, finalmente. Senti que a partir daquele momento, tudo estava resolvido, que não precisava de me preocupar mais. Que poderia viver de uma vez por todas a minha vida, apenas a minha vida. Tem a noção da importância do que lhe estou a dizer?

– Talvez, não sei...

– É óbvio que não sabe. Se você mesma diz que nada sente com eles. Não é verdade? Como pode então entender tudo isto?

– Sim, é isso, não entendo mesmo – respondeu a mulher da vida.

– Sabe porque está ele atrasado?

– Você sabe?

– Sei. Porque está aqui comigo. Logo... não pode estar aí consigo. Ou seja... se ele está aqui é normal que esteja atrasado.

– Bom, assim sendo vou desligar. Parece que ele não vem mesmo.

– É isso. Ele não vai mesmo e sabe porquê? Porque o tenho atado à minha frente. Atadas as mãos, atados os pés, atado a uma cadeira. Tem a boca tapada e sangra da cabeça, por tê-lo empurrado pelas escadas. E agora olha para mim. Durante todo este tempo. Durante toda a nossa conversa. E sabe? Ele parece assustado com a

arma que eu lhe estou a apontar. Agora, está tão frágil e ridículo. E vou fazê-lo. Agora mesmo. Que bom que teve a coragem de ligar e poder ouvir, e compreender... apenas compreender...

A mulher da vida ouviu um intenso estalo pelo auscultador, um som ensurdecador, o som de um tiro e depois um silêncio, um grande silêncio. E a chamada sem se desligar. Olhou para o telemóvel e sim, a chamada não se desligava.

A campainha de casa da mulher da vida soou, e ela deu um salto assustada, como se aquele som fosse a repetição do tiro que ouvira pelo telefonema. Levantou-se, com a cabeça confusa e dirigiu-se à porta. Olhou pelo binóculo e viu do outro lado o homem que estava atrasado.

**Fim**



**Fernando Dinis** nasceu em 1976. Estudou piano. Publicou em 2003 o primeiro livro: *Dá-me-te* (Hugin Editores).

Em 2006, participou na antologia bilingue *Poema Poema – Antologia de Poesia Portuguesa Actua*” (Uberto Stabile – Huelva).

Em 2008, participou na Revista *Big Ode #4* e na *Primeira Antologia Portuguesa de Micro-Contos* (Exodus Editora).

Neste ano, lançou o disco *Piano Works*, o primeiro trabalho de composição em piano.

Mantém o blog *Fico Até Tarde no Mundo*

<http://www.ficoatetardenomundo.blogspot.com>

Disponibiliza a sua música em

<http://www.myspace.com/fernandodinis>

Letrário\* editora

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

[http://www.letorario.pt/1\\_pt/900/9001.htm](http://www.letorario.pt/1_pt/900/9001.htm)

+ 351 21 711 20 20

[letorario@letorario.pt](mailto:letorario@letorario.pt)